

"SE VOCÊ NÃO FOR, SÓ VOCÊ NÃO VAI": O RETORNO PANDÊMICO DO CIRCO REAL XANGAY

Livia Souza Mattos(Universidade Estadual Paulista - UNESP)¹

RESUMO

O presente trabalho visa o compartilhamento etnográfico, poético e analítico, da visita ao Circo Real Xangay, em fevereiro de 2021, quando este realizou a sua estreia em Lamarão/BA, após 11 meses parado, por conta da pandemia. Para além do que tange à conjuntura sanitária atípica, visa-se também apresentar os componentes e a constituição desse circo, como um breve estudo de caso para reflexões acerca do circo itinerante brasileiro, de pequeno e médio portes, em sua pluralidade e constante reelaboração.

PALAVRAS-CHAVE: Circo; Pandemia; Itinerância.

ABSTRACT

The present work aims at the ethnographic, poetic and analytical sharing of the visit to the Xangay Royal Circus in February 2021, when it made its debut in Lamarão/BA, after 11 months stopped, due to the pandemic. In addition to the atypical sanitary conjuncture, it is also intended to present the components and the constitution of this circus, as a brief case study for reflections on the Brazilian traveling circus, of small and medium size, in its plurality and constant re-elaboration.

KEYWORDS: Circus; Pandemic; Itinerant circus.

¹ Mestranda em Artes, pela UNESP, orientanda de Mário Bolognesi; bolsista pela CAPES; bacharel em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia. A autora é circense, instrumentista, compositora e diretora de cena.



(Circo Real Xangay em Lamarão/BA, fevereiro de 2021. Foto: Gabriel Teixeira)

Ir. Poética de existência de quem itenera. Seguir adiante, do jeito que possível for, fazendo do movimento o seu modo de produção de vida e arte. Insistir. Resistir. A primeira coisa que se aprende, quando se quer fazer um salto, é cair. Saber cair é ainda mais importante que consegui-lo. Mesmo num espetáculo, acertar o salto na terceira tentativa é ainda mais empolgante que na primeira. O público vai junto, sente a dificuldade com o artista. Este, de terceira, é ovacionado, e por isso mesmo ele propositalmente erra nas primeiras, muitas vezes, para que o público venha com ele. Coisa que não se aprende no circo é ficar no mesmo lugar - exceto quando se inverte o corpo em uma parada de mão. Coisa que não se aprende no circo itinerante é ficar parado sobre o mesmo chão. No entanto, a pandemia da covid-19 parou os picadeiros e o resto do mundo, para o desespero de muitos. A itinerância pressupõe este estradar, que pode ser na mesma região de um estado ou transitando fronteiras - inclusive país afora. O modo de produção itinerante circense depende da vinda do público ao espetáculo, presencial, que garante a bilheteria e a relação dialógica entre público e picadeiro, que compõem o espetáculo circense.

Na pandemia, como é sabido, os circos pararam seu estradar, geralmente ficando no local que estavam por último ou partindo para algum local em que pudessem ser acolhidos, por parentes ou amigos. Muitos estavam em terrenos privados alugados ou terrenos públicos,

e foram "convidados a sair". Muitos foram ajudados pela comunidade ao redor, que lhes forneceu cestas básicas, fraldas e demais suportes. Acontece que, com os muitos meses de isolamento pandêmico, o entorno conseguiu ajudar mais no início, ficando depois com dificuldade, inclusive, de se sustentar. A falta de auxílio do poder público, em todas as instâncias, tornou a situação desesperadora. Com isso, toda essa conjuntura acarretou no fim de vários circos e na saída de diversos artistas dos circos que estão aí na resistência. Nesse processo, é interessante notar que circos que se constituem por um núcleo familiar mantenedor - mais do que com artistas contratados - tiveram mais possibilidade de seguir adiante.² Outro fator que merece ser notado, é que muitos circos procuraram se manter através de outros saberes circenses, que não o do espetáculo, vendendo algodão-doce, maçã do amor e pirulitos artesanais, por exemplo - ou mesmo costurando, fazendo reparos em roupas, para seu entorno. Nesse pequeno texto, numa espécie de ensaio etnográfico circense, o foco será voltado ao Circo Real Xangay, pelo fato de eu ter acompanhado a sua estreia em Lamarão/BA, depois onze meses parado no município de Serrinha, no interior da Bahia, vivendo de doações da comunidade circundante e esperando ansiosamente o momento de poder se apresentar novamente.³ Para além da questão pandêmica e desse marco de estreia, pretende-se, neste trabalho, deixar registrado um retrato deste circo nesses idos de 2021, apresentando o seu elenco, indicando seu repertório de números e alguns apontamentos sobre aspectos em que se pode identificar a reelaboração de um circo com o seu tempo na contemporaneidade.

Estruturado dentro de um núcleo familiar de 14 pessoas - sendo 4 crianças - o Circo Real Xangay foi fundado por Djalma e Patrícia, que tiveram trajetórias semelhantes até se encontrarem: fugiram com o circo ainda crianças, mais do que pela aventura, mas pelo circo representar uma realidade melhor do que a que eles viviam - ou mesmo uma fuga desta. Constituíram gerações de circenses que se intitulam como tradicionais, que eles mesmo não eram, por criarem seus filhos dentro da aprendizagem do circo itinerante. Durante a pandemia, inclusive, enquanto artistas contratados fora do núcleo familiar saíram do circo, procurando outro modo de sobrevivência, o núcleo se firmou agregando mais uma filha que

² Suposição feita a partir do contato com diversos circos itinerantes na realização da campanha "Viva o Circo Brasileiro", que visou o apoio direto aos circenses durante o período pandêmico. A campanha ainda está no ar e pode ser conferida pelo instagram @apoiodiretoaoscircos. Muitos circenses relataram que só conseguiram segurar a família sob as lonas ou justamente apontaram a dificuldade de seguir por não ter um elenco familiar que atravessasse esse momento pandêmico juntos.

³ A visita ao Circo Real Xangay se deu em cinco diárias, em fevereiro de 2021, acompanhando a saída de Serrinha/BA, a chegada, montagem e estreia em Lamarão/BA - além dos dias seguintes ao espetáculo de retorno.

estava fora do circo, junto com seus quatro filhos: Guel, com os seus filhos Isaque, Rebeca, Débora e Kauê.

Débora traz a particularidade de ter sido criada fora do circo e passar os seus 15 anos de vida almejando a vida itinerante circense, mas justo consegue realizar seu sonho na pandemia, num momento em que não é possível se apresentar e seguir seu desenvolvimento natural no circo. Nesse entrecruzamento de trajetórias, tem-se Emny, também conhecida por Emmy, que casou com o palhaço Mixaria e faz pouco mais de um ano que entrou no circo, fazendo o marketing do mesmo, apresentando número de argola e gestando Maria Ester - a mais nova integrante do Circo Real Xangay. Emmy, como era moça da cidade, é chamada no circo de "moradeira" - que mora na cidade - ou "aventureira", o que leva um certo tempo para se integrar ao núcleo familiar de verdade.

Fora desse núcleo, temos um único representante: Yuri, representante da família Signoreli, de tradicionais circenses atuantes mais no sul do país, e que, por amizade com Lucas - o palhaço Mixaria - veio fortalecer o elenco para estreia. Pensa em seguir adiante com o Real Xangay, até conseguir ter o seu próprio circo. Mixaria, filho de Djalma e Patrícia, é o palhaço que dá nome ao circo - Circo Real Xangay do Palhaço Mixaria. Admira e se inspira nos velhos palhaços tradicionais, mas opta por um tipo de maquiagem e figurino mais modernos - segundo ele - menos densos. Mescla nas suas entradas o repertório vindo dos memes e *tiktoks*, com as tradicionais reprises da palhaçaria brasileira. É o "filho homem" mais velho... vivo. Djalma teve um primeiro filho que morreu ainda bebê, que hoje estaria com 35 anos, e desde então, ele não conseguiu mais atuar como palhaço. Não conseguiu mais ocupar o ofício de fazer rir.

Apresentados alguns dos personagens dessa história, respeitável público, vamos para Serrinha, município situado no território do sisal, na região do semiárido baiano. O Circo Real Xangay estava na entrada da cidade, para quem vem da capital do estado, num bairro quase beira de estrada, quando a pandemia lhes atravessou. Por lá ficaram 11 meses - o que é uma eternidade para quem estava acostumado a mudar a cada semana ou no máximo de duas em duas. Eternidade expandida por não ter a possibilidade de trabalhar. Mas finalmente, em fevereiro de 2021, conseguiram autorização da prefeitura de uma cidade vizinha para estrear por lá. O deslocamento de uma cidade para outra, que apesar da curta distância, foi cheio de intercursos e obstáculos. Vê-se, nesse movimento, como o quintal do circo é o mundo. Vê-se que é preciso deixar o terreiro limpo e ajeitado, para que se possa voltar amistosamente e para que outro circo encontre boas condições para trabalhar. A vida naquele terreno em Serrinha tinha se conformado de um jeito diferente, devido à longa estadia, repleta de vínculos afetivos

e de uma organização do espaço de quem não ia partir na semana seguinte. Assim, foi perceptível a dificuldade de partir, de estruturar a partida em trailer, ônibus e carreta. E estes meios de transporte, parados por tanto tempo, reclamaram a todo tempo, fazendo do percurso de 40 minutos uma longa aventura. Mas quem é de estrada sabe como seguir... domina as artes e engenhos dos "perrengues" dessa vida. Enfim, o circo chegou na cidade de Lamarão, de cerca de 8 mil habitantes, por onde não passava um circo há 8 anos.

“Se você não for, só você não vai” – anuncia a corneta do carro de som do circo. O terreno já está nu, pronto para vestir-se de lona, marquises, trailers, ônibus e tudo mais que compõe essa arquitetura circense. Cada local exige uma disposição diferente – em todos os sentidos. Para todas as escolhas, há um arcabouço de muitos saberes acumulados na vida itinerante. O prumo está em deslocar-se... uma semana em um lugar... quatro dias em uma praça que não foi tão boa... duas semanas noutra. Monta. Desmonta. Monta. Desmonta. Essa poderia ter sido apenas mais uma vez desse eterno movimento. Mas não. Depois de tanta espera, a expectativa da estreia transbordava pelos panos de roda: finalmente, o Real Xangay tinha conseguido autorização para voltar às atividades. A corneta segue em alto e bom som: "se você não for, só você não vai... o Circo Real Xangay estreia amanhã em Lamarão". Crianças, idosos, homens e mulheres aparecem na frente de suas casas e comércio. Uns filmam com o celular, outros acenam, olham com curiosidade. Emocionante. Acho que será uma boa praça. Entre os contratemplos, a limpeza do terreno anterior e a falta do hábito de itinerar, a montagem ficou para o dia seguinte – na aflição da estreia. Dorme que amanhã é dia.

Divulga, monta, acende, coze, puxa, aperta, procura, torce, reza, costura... não deu tempo de montar o esperado globo da morte. Depois de horas intensas de muita labuta, é chegada a hora de abrir a bilheteria. Apreensão: o público tarda a chegar. Segura um pouquinho a entrada, pra dar aquela sensação burburinho na frente da lona. Deu certo. A casa vai ficando cheia, as cadeiras vão sendo ocupadas, a plateia está em polvorosa sob a lona. E agora com vocês: Circo Real Xangay. Bailados, faixa olímpica, palhaço, mágica, gota, argola, patrulha canina... Ufa! Descansa que amanhã tem mais... e com globo da morte! O domingo lotou. Nada como o boca-a-boca de quem foi, voltou e ainda trouxe mais gente. Com esse fim de semana de estreia, os circenses – retomados em seu modo de produção de vida e arte – se aliviaram. Planejavam providenciar o táxi-maluco, que é um número de muito agrado do público, para a próxima semana. Só que não. Na semana seguinte, a Bahia entrou, quase toda, em toque de recolher. O circo estava com as suas atividades suspensas, mais uma vez, por conta da pandemia. Que logo passe esse tormento, essa tormenta.

Roteiro do espetáculo:

1- Bailado árabe (Evellyn, Rebeca, Eminy, Débora e Guel)

2- Faixa olímpica (Matheus)

3- Palhaço Mixaria (Lucas)

4- Gota (Evellyn)

5- Palhaço Biribita (Matheus)

6- Argola (Eminy)

7- Lira (Evellyn)

8- Palhaço Mixaria (Lucas)

9- Magia (Evellyn, Eminy, Débora e Guel)

10- Palhaço Mixaria (Lucas)

Intervalo

11- Patrulha canina (Yuri, Eminy, Débora e Matheus)

12- Globo da morte (Yuri)

Mestre de cena: Djalma

Pipoca, maçã do amor, pastel, batata-frita, algodão-doce: Patrícia

Operação de som e luz: Lucas

Em meio à grande expectativa do elenco e da localidade, misturam-se os problemas advindos pelo tempo que o circo ficou parado em uma só "praça": ônibus e trailers quebrando no deslocamento entre cidades; falta de prática da itinerância para artistas que a tinham como forma de vida; desconfiança da capacidade de executar técnicas de habilidade corporal e sucesso cômico; e a emoção inédita de poder voltar a trabalhar, depois de tanto tempo vivendo de doações da comunidade circundante.

Trata-se de uma junção de particularidades, abordando a casa-trabalho que é o circo dentro de uma estrutura familiar, num momento atípico sanitário, dentro de um modelo de vida e de produção em que a continuidade depende do espetáculo. O público é parte constituinte desse produto mantenedor do circo, que é o espetáculo, então, na medida que ele não pode mais adentrar esse espaço-casa, cerceia-se o seu seguir. O seguir de quem pressupõe que existir é ir e de quem vive na esperança contínua de que a próxima "praça" há de ser melhor que a anterior.

Por outro lado, diz respeito a olhar os circos itinerantes em sua contemporaneidade, em sua constante reelaboração e diálogo com o seu tempo - tanto no âmbito artístico, como no seu modo de produção. A comicidade do palhaço é agora construída também pela linguagem de memes, *tiktok* e afins. Utiliza-se músicas e piadas veiculadas em massa pela internet para compartilhar de códigos e signos em comum com o público, comunicando e provocando risos com tal apropriação para o picadeiro. O marketing do circo é feito por contato e permuta com pessoas com mais seguidores - influencers - das cidades, mesmo quando se trata de povoados. Faz-se permuta de divulgação nas redes sociais dessas pessoas por cortesias para o circo, articula-se de várias formas, consegue-se internet emprestada da vizinha - até que a internet do circo seja instalada e seja possível trabalhar nas redes com seu próprio *wi-fi*. O acesso à internet propicia também o desenvolvimento de números circenses, pela vasta oferta nos canais de vídeo, bem como a encomenda de acessórios para compor o visual dos figurinos e objetos cênicos. Valeria um estudo aprofundado sobre o impacto e uso das redes sociais e da internet por circos itinerantes do país, no que diz respeito à sociabilidade, composição estética e aprendizagem técnica, por exemplo. Com certeza valeria um estudo específico sobre impacto de tudo isso na conformação da atuação dos palhaços no picadeiro, em sua constante reelaboração junto à revisitação de repertórios de entradas "clássicas" do circo brasileiro.

Abaixo, aproveito para apresentar melhor o elenco que compõe o Circo Real Xangay atualmente. Gostaria de fazer uma observação em relação aos nomes artísticos dos circenses, que assim como em muitos circos de pequeno e médio portes, dispensam sobrenome, focando apenas no prenome. Mesmo numa configuração familiar, não parece ser essencial o uso do sobrenome, como representação da família ou coisa do tipo. Os prenomes prevalecem sobre os sobrenomes - mesmo com o orgulho de pertencer à terceira ou quarta geração daquele núcleo, por exemplo. Isso é um contraponto sutil que aponta para a diversidade do circo brasileiro, que costuma ter a sua história contada, hegemonicamente, por sobrenomes de grandes famílias circenses - muitas vindas de fora do país, embora nem sempre. Nesse

contexto, não se tem uma preocupação em enaltecer o sobrenome em si. Assim, muitos circos que percorrem Brasil adentro, de fato, não parecem se ancorar eternamente num sobrenome, nem para intitular o circo, tampouco os seus artistas. Aqui não há críticas sobre um ou outro modelo de existência, mas sim a atenção para a necessidade de ressaltar essa pluralidade do circo brasileiro, nas diversas formas de existência e constituição. Dentro disso, é fundamental olhar para os circos de pequeno e médio porte, que têm suas histórias pouco contadas, mas que até hoje chegam onde outros formatos de apresentação artística não chegam... que continuam indo aonde o povo está, onde muitos estão, percorrendo povoados longe dos grandes centros.

Componentes Circo Real Xangay

O Circo Real Xangay pode ser considerado um circo jovem, tanto pelo seu tempo de existência, entre início, interrupções e retomadas, como pela idade dos seus componentes - os veteranos com 57 anos, Djalma, e 48 anos, Patrícia. As trajetórias de Patrícia e Djalma se assemelham em suas constituições como circenses itinerantes, que não nasceram em circo, mas que, desde cedo, seguiram com circos que passaram na sua cidade. Hoje a família possui uma primeira geração nascida e criada, composta por Guel, Lucas, Evellyn e Matheus. E uma segunda geração, com a neta Maria Ester, filha de Lucas e Emmy. À segunda geração, apesar de não terem nascido no circo, somam-se os filhos de Guel, que agora passaram a ser criados no circo: Débora, Rebeca, Kauê e Isaque. Antes da pandemia, havia três famílias de artistas contratados que faziam parte da trupe, mas, por falta de trabalho, tiveram que partir. Agora, o Real Xangay segue essencialmente baseado em seus familiares, tendo como convidado o globista Yuri, da família Signorelli, que chegou de Guarulhos reforçando o elenco para a estreia. Segue abaixo a descrição de cada integrante - excetuando os menores de idade - com texto baseado nas entrevistas realizadas com cada um deles.

DJALMA - 5.08.1964



(Foto: Gabriel Teixeira)⁴

Djalma é o proprietário-fundador do Circo Real Xangay. Nasceu em Palmares/PE, perdeu o pai aos 9 anos de idade e desde então foi buscando o seu jeito de estar no mundo. Começou a trabalhar no circo aos 12, no pano de roda do palhaço Mandioca, que passou na sua cidade, mas não como artista – tampouco conseguia que lhe ensinassem as artes circenses. A mãe o encontrou, fugido no circo, e lhe trouxe de volta pra casa para trabalhar na roça com a família. Aos 13 fugiu para uma cidade, trabalhou de ajudante numa padaria, fingia que tinha casa e ia levando a vida como dava... até que o Wélita Circo apareceu na praça. Num dia que tinha show de Sandro Becker no picadeiro, ele ficou guardando carro no estacionamento, rondando o circo, e nesse contexto conheceu o cantor. Ao perceber que ele não tinha casa, Sandro Becker introduziu o então garoto Djalma ao palhaço Preguinho, pedindo que lhe arrumassem espaço no circo. Querendo sair daquela situação, foi seguindo com o circo, ainda sem espaço para aprender o ofício artisticamente, mas ficava fazendo serviços no circo. “Aprendi um malabarizinho e aí fui pra outro cirquinho descoberto de novo. Quer dizer, caí de produção, porque estava já num coberto. Mas fui como artista” – conta Djalma. Dos 17 para os 18, começou a fazer divulgação dos espetáculos em carro de rua. Dos 18 para os 19, aperfeiçoou-se como locutor de pista. A partir de então, foi passando para circos maiores e logo foi parar no Gran Circus Chianito, comandado por peruanos. No

⁴ Todas as fotos apresentadas foram tiradas em Lamarão/BA, em fevereiro de 2021, pelo fotógrafo Gabriel Teixeira.

circo grande foi pegando gosto como palhaço, ficando conhecido como palhaço Chaverito. Buscando alçar um vôo maior, buscou o Circo Royter, que estava em Salvador – nesse tempo, o circo de seu Royter chamava-se Real Moscou. Duvidando de que Djalma daria conta de dialogar com classes mais altas, seu Royter propôs que ele fizesse um teste: se agradasse, ficava como locutor; se não agradasse, poderia arrumar outra função para ele no circo. Pois não é que agradou de cara? Virou locutor oficial do circo, elogiado por sua voz. Começou dormindo na carreta do elefante, mas nunca tinha ganhado tão bem na vida! E a coisa foi só melhorando, acumulando funções de eletricista, propagandista, carreteiro... e de *roommate* de elefante, passou foi a dirigir a carreta do bicho. Cada pessoa que saía do circo, ele pegava a função e ia aumentando o seu ordenado. E foi lá que começou a sua história com Patrícia, depois de uma longa amizade. Passou 6 anos nesse circo e saiu de lá com dinheiro pra montar o seu próprio, junto com outro capataz do Royter, comprando à vista uma lona. Perderam tudo e cada um foi pra um circo. Djalma começou a trabalhar no Circo Real Plaza, de Joseane, da família de Zé Fubica – que lembra com carinho – chegando lá com um trailer, companheira e filhos. Novamente ficou de circo em circo, até montar o seu novamente, que durou cerca de 12 anos. Patrícia teve complicações com a gravidez de Mateus – e como a vida de proprietário de circo estava bem mais estressante do que a de funcionário – eles resolveram parar com o circo e foram trabalhar no Circo Monza, de Ricardo Robatini, em Goiás. Trabalhou como encarregado geral do circo, também conhecido como capataz – função fundamental em se tratando de itinerância circense. Depois trabalhou no Circo Real Madrid, por um ano. Em seguida, foi pro Circo Mundo Mágico. E foi no circo de Leandro Vieira que ficou por três anos, do qual lembra saudosamente e onde foi incentivado a montar o seu circo novamente. Comprou um circo que estava em Fortaleza, por telefone... quando foi ver, o material não era o que pensava e a lona não durou 6 meses. Então voltou para a Bahia.

PATRÍCIA - 14.05.73



(Foto: Gabriel Teixeira)

Patrícia é proprietária-fundadora do Circo Real Xangay, construindo essa história junto com Djalma. Na verdade, o seu nome é Ana. Patrícia foi o nome artístico que adotou – desde que estreou no picadeiro – mas que incorpora até hoje. A sua história como artista de circo, como a de Djalma e de muitos circenses itinerantes, começou com uma fuga! Nascida em Petrolândia, desde pequena frequentava as lonas que passavam pela cidade, sempre subindo aos picadeiros em qualquer oportunidade que abrissem para participação do público. Aos 15, fez amizade com as artistas do Circo Continental, que estava na sua cidade, e combinou com a filha da dona – sem falar com a dona- que iria seguir com o circo na próxima cidade. Juntou-se com mais três amigas – de 12, 13 e 14 anos, que levou mais uma irmã de 9 – e foram para a rodoviária em busca desse destino. Compraram as passagens e se esconderam no banheiro da rodoviária, para que ninguém da cidade pudesse vê-las. Já dentro do ônibus, quase de saída, chega o pai das irmãs e as leva, com mais uma das meninas. Mas ainda ficou Patrícia – que na verdade ainda era Ana – e sua amiga. Seguiram rumo a Paulo Afonso, onde o circo estava. Detalhe é que Paulo Afonso era uma cidade maior do que a que estavam acostumadas. Mas, destemidas, pegaram um ônibus local na fé que a rota dele passaria por onde o circo estivesse... e não é que, no quinto ponto, o ônibus parou na frente do circo?! Para Ana, o circo estava em seu destino, sem sombra de dúvidas. Chegando lá, a dona do circo – que não sabia nada dessa história – falou que elas só ficavam se trouxessem a

autorização dos pais. Elas tentaram dizer que eram maiores de idade, mas por não ser verdade, não tinham o documento. A amiga desistiu. Mas Ana voltou pra sua cidade, convenceu a sua mãe que era isso que ia fazê-lafeliz e voltou para o circo com a autorização. E aí começou a história de Patrícia, artista de circo. A princípio, trabalhou como rumbeira. Depois aprendeu trapézio. E hoje, como ela diz, segue tocando o circo.

Passados 6 anos no Circo Continental, Patrícia tinha a dona do circo, conhecida como Dona Severina, como uma segunda mãe. Aprendeu com ela e com os filhos dela o engenho das artes circenses. Mas aconteceu de um circo grande, o Circo Real Moscou, estar na cidade em que eles estavam, e a convidarem para seguir com eles. Era o circo de Dona Dalva e seu Royte, da família Neves, onde já trabalhava o homem que seria seu companheiro e pai dos seus filhos: Djalma. Ela não quis ir sozinha, mas o Real Moscou acabou incorporando o Continental em seu elenco, seguindo com todos juntos. Foi nesse circo que, depois de uma amizade cativada que virou namoro, Patrícia e Djalma foram morar juntos e tiveram o seu primeiro filho: Lucas.

No espetáculo, Patrícia entrava na magia e nos bailados, e estava começando a treinar cesto antes de engravidar. O fato é que o Circo Real Moscou, que depois se tornou Circo Royte, foi uma escola para eles e saíram de lá com condições de montarem o seu primeiro circo. O Circo Real Xangay surge em 1997, começando pequeno,mas chegando a ficar maior do que o é atualmente. Foi já como dona de circo, que Patrícia teve a sua primeira menina: Evellyn. Depois de 4 anos, teve uma gravidez complicada, com eclâmpsia, que colocou em risco a vida dela e do bebê. Atribulada com as tarefas e responsabilidade de tocar o circo, de cozinhar para muitos funcionários, em um nível de estresse altíssimo, chegou ao pontode ficar mais tempo internada do que no circo. Patrícia e Djalma decidiram vender o circo com tudo dentro e viraremfuncionários de outro, aliviando o ritmo de trabalho que vinha, pelo bem da saúde dela e do seu filho Matheus, que hoje está com 14 anos. Foram para oCirco di Monza, de Ricardo Robotini. Depois no Circo dos Irmãos Melo, do proprietário Renato. Em seguida, no Circo Mundo Mágico, de Leandro Vieira. De lá montaram novamente o Circo Real Xangay,em 2016,com que segue até hoje.



(Foto: Gabriel Teixeira)

Sob a lona do Circo Real Moscou, Lucas nasceu em Bom Despacho/MG, compondo a primeira geração da família nascida e criada no circo. O Real Xangay é conhecido e divulgado como o circo do palhaço Mixaria – função que lhe foi atribuída na labuta que começou bem cedo. Com 1 ano de idade, Lucas começou a entrar de palhaço no picadeiro, no bolso da calça do pai. Com 2 anos, já entrava andando; com 3, entrava com mais frequência; e com 7 anos, já levava reprises e brincadeiras. Hoje com 24 anos, considera-se com 18 anos de carreira profissional como palhaço, começando com o nome de Gule-gule e depois se afirmando como Mixaria. Há 6 anos faz globo da morte, que é a sua maior paixão, e há 7 anos trabalha também como locutor do circo. Assume também a função de capatazia do circo – responsável pela montagem e desmontagem da lona e demais estruturas que compõem o circo – a função de eletricitista, e quando precisa, a de propagandista – função, esta, mais direcionada ao pai. Além do Circo Real Xangay, trabalhou em circos como Circo di Monza, Circo Mundo Mágico Leandro Vieira; Circo Real Madrid e Circo Irmãos Melo – sempre junto com a sua família. Junto com a sua companheira Emmy, teve Ester, a sua primeira filha, que chega compondo a segunda geração da família nascida e criada em circo. Na entrevista, ele conta um pouco da sua vida e sobre o ofício de ter que fazer rir, como palhaço.



(Foto: Gabriel Teixeira)

Com 19 anos de idade e de circo, EVELLYN compõe a primeira geração da sua família nascida e criada sob a lona, junto com seus irmãos Matheus, Lucas e Guel. Veio ao mundo no Circo Real Xangay, em Coração de Maria/BA. Artista versátil, de alto nível técnico, realiza diversas funções no espetáculo, entre o céu e o chão. Como aerialista – acrobata aérea – desempenha números de lira, tecido, argola, gota e trapézio. Fora dos ares, é responsável pela montagem dos bailados – no qual dança, coreografa, confecciona figurinos – e também apresenta número de bambolê, chegando a dominar 20 bambolês em cena. Começou a ganhar intimidade com os aparelhos aos 5 anos de idade, estreou com 7 e não pensa em outra vida que não seja no circo. Entendendo a dinâmica da itinerância e de si própria, evita fazer amizades nas cidades por onde passa com o circo, sabendo que a partida é tão certa quanto o choro, quando se apega com amigos locais. Adventista, considera o seu batismo o momento mais importante da sua vida. Além do circo da sua família, trabalhou no Circo Di Monza, Circo Real Madri, Circo Irmãos Melo (atual Circo Top), Circo Panamericano (atual Circo Thor) e Circo Mundo Mágico, de Leandro Vieira e Andreza Alvarado.

A entrevista com EVELLYN foi feita antes da montagem da lona, quando parte do material tinha chegado ao terreno e muitos desafios se seguiram até toda estrutura do circo chegar à cidade de Lamarão. No áudio a seguir, ela compartilha um pouco da expectativa da

estreia, depois de 11 meses parados, fala um pouco da espacialidade do circo naquele terreno e diversos assuntos que atravessam esse modo de vida.

MATHEUS- 12.10.2006



(Foto: Gabriel Teixeira)

Caçula de Djalma e Patrícia, Matheus nasceu sob a lona do Circo Real Xangay – na época, Circo Xangay – em Paulo Afonso/BA. No dia que chegou ao mundo, seus pais pararam com o circo como proprietários, para serem funcionários de outro, a fim de uma vida menos estressante – por conta da gravidez delicada, afetada por eclâmpsia. Compõe o time da primeira geração da família nascida e criada no circo. Atua no espetáculo com um número de faixa aérea, como palhaço e se prepara para realizar o seu sonho de ser globista. Aprendeu as artes da palhaçaria com seu pai e seu irmão, encontrando no processo a identidade própria do seu palhaço: o Biribita. Esse nome veio em homenagem ao antigo circense que construiu a atual lona e marquise do Real Xangay, que não mais atuava como palhaço, mas que gostaria que alguém levasse o nome adiante. Antes desse, usava o nome de Tranquerinha, Bitoca e Pipoca. Responsável por toda arte gráfica do circo, o jovem circense cria o design de ingressos, bônus, plotagem do ônibus, flyer virtual, etc. Na montagem da lona, desempenha o papel colocar as gambiarras na lona e na marquise, andando por cima delas. Matheus tem gosto por criar maquetes de circo, mimetizando a grande lona, já tendo feito várias delas. No

áudio vocês podem conferir a conversa que tivemos enquanto ele terminava de montar o seu “Max Circus”.

GUEL - 11.10.85



(Foto: Gabriel Teixeira)

Nascida em Poço Redondo/BA, Guel veio ao mundo sob a lona do Circo Real Madri, onde seu pai e sua mãe trabalhavam. Aos 2 anos de idade, com a separação de Djalma da sua primeira esposa, Guel seguiu com sua mãe para a cidade. Dessa forma, diferente dos seus outros irmãos, não teve oportunidade de aprender as artes e os engenhos do circo durante a sua infância, tampouco na sua adolescência. Teve outra experiência, vivendo em grandes centros urbanos, como em São Paulo, onde morou a maior parte da sua vida. A partir do nascimento da sua primeira filha, Débora, começou a visitar o circo de seu pai, inclusive colaborando nos espetáculos. Agora, aos 35 anos, Guel voltou de mala e cuia para a vida de circo, junto com os seus quatro filhos: Débora, Rebeca, Kauê e Isaque. Atua no picadeiro – na parte do bailado e na entrada da mágica – tem a sua venda de cachorro-quente e colabora com Patrícia, sua madrasta, e seu pai. Fala de Djalma com muita emoção, pela força de guerreiro que ela enxerga em sua trajetória de “levar alegria para os que tem tristeza no olhar”. Sonha em se tornar a artista de circo que não pode ser quando era mais jovem, e vê nas suas filhas – Débora e Rebeca – a paixão pelo circo. Pretende preparar o número do cubo,

para ter o seu solo no picadeiro. Considera-se circense, não por ter nascido no circo, mas pelo pai, a quem venera.

EMINY 05.12.2000

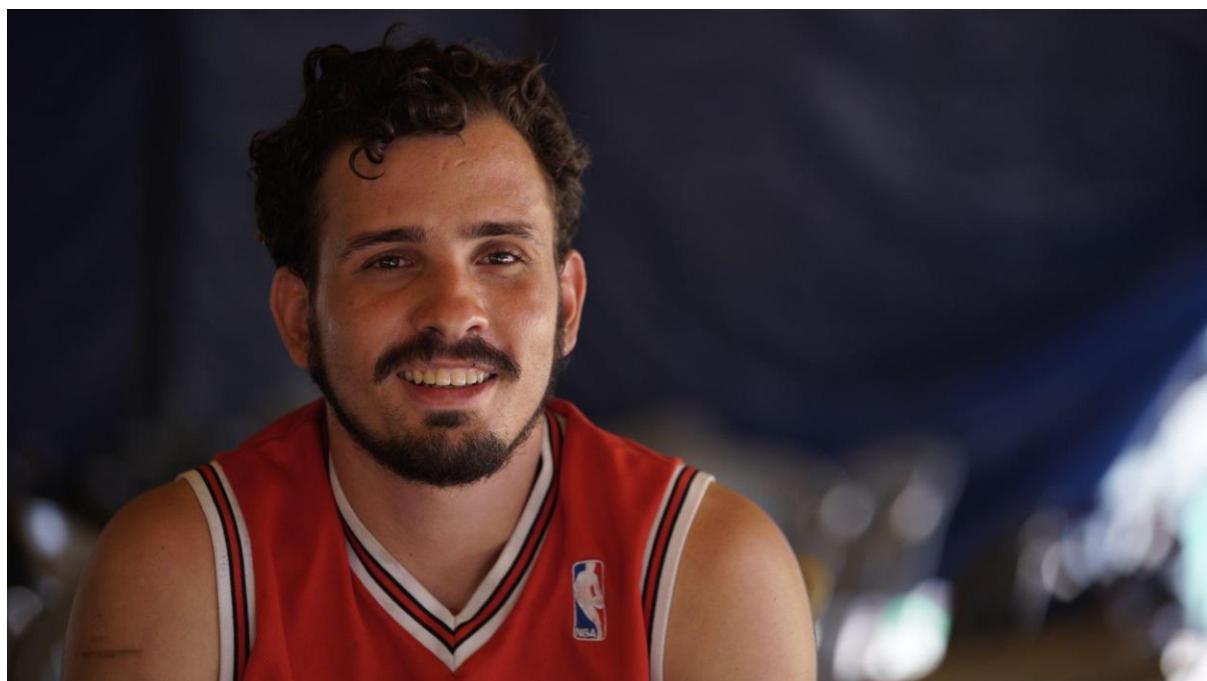


(Foto: Gabriel Teixeira)

Nascida em Ribeira do Pombal/BA, Eminy Lohranna entrou no circo por uma história de amor, e a partir dela, descobriu o seu amor pela vida no circo. Já havia trabalhado em grupos de dança até em uma banda na sua região, mas jamais pensou que se tornaria artista circense. Em 2019, entrou para o circo e casou-se com Lucas - o palhaço Mixaria. Hoje eles têm uma filha de 1 ano, Maria Ester, que inaugura a segunda geração nascida e criada no circo, da família do Real Xangay. Eminy começou no circo como bailarina, depois dedicou-se as técnicas que apresenta hoje: argolas olímpicas e bambolê. Está em fase de aprendizado da lira americana e da corda indiana, participa do número de mágica e ajuda o palhaço Mixaria nas suas entradas. Fora do espetáculo, Emmy - como também é conhecida - atua na divulgação virtual do circo, fazendo pontes com influencers e blogueiros da cidade, antes mesmo do circo chegar no local. Pesquisa as pessoas que tem mais seguidores, entra em contato e propõe parcerias: dispõe de cortesias para o espetáculo para essas pessoas, enquanto

elas ficam encarregadas de divulgar o circo, da chegada à saída. Atualmente, o sonho é que o circo possa voltar a trabalhar, que ela possa voltar a se apresentar e que o Real Xangay possa ter casa cheia novamente.

IURY 30.06.1997



(Foto: Gabriel Teixeira)

Artista convidado pelo Circo Real Xangay, Yuri veio reforçar o time para a estreia pós-pandêmica, compondo o elenco de atrações e a equipe de montagem. Faz parte da sexta geração da família Signoreli, tradicionais do globo da morte, tendo como avô Ciro Almeida Signoreli. Nasceu na cidade de Monte Santo/MG, quando o circo por ali passava, e foi criado sob a lona. Sua primeira participação quanto artista foi como palhaço Linguicinha. Desde então desenvolveu-se tecnicamente na realização de vários números, como paradas, faixa olímpica, globo da morte - além do conhecimento na montagem e desmontagem da lona e outros saberes. Seus irmãos são donos do Circo GloboMax e do Circo Globo, onde ele estava parado na pandemia. Apresentou-se fora do Brasil, como globista, na Irlanda, Inglaterra, França e Alemanha. No Circo Mundo Mágico, de Leandro Vieira, conheceu Lucas, considerando-o como irmão, e Djalma, como pai. Assim, sente-se em casa no Circo Real Xangay e por ali pretende ficar, almejando ter o seu próprio circo no futuro. Sempre foi filho de dono de circo, até o seu pai perder a lona num temporal em Belo Horizonte, quando

ele tinha 13 anos. A partir daí seguiu trabalhando em diversos circos, a maioria deles da família Signoreli.

REFERÊNCIAS

MATTOS, Livia Souza. **Circo Real Xangay**. In: Respeitável público: circos e circenses itinerantes da Bahia. [S. l.], 2021. Disponível em: www.respeitavelpublico.com. Acesso em: 4 ago. 2021, 21:05h.

Entrevistas realizadas pela autora, com artistas do Circo Real Xangay, em fevereiro de 2021, na cidade de Lamarão/BA. Os artistas entrevistados, listados abaixo, usam apenas o prenome como nome artístico.

DÉBORA
DJALMA
EMMY
EVELLYN
GUEL
LUCAS
MATHEUS
PATRICIA
YURI